

CAMARADA MANOELÓVSKY?

HISTÓRIA, LITERATURA E SOCIEDADE NA OBRA POÉTICA DE MANOEL DE BARROS¹

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i25p10-24>

Kelson Gérison Oliveira Chaves²

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

RESUMO

O texto aborda a interface entre história, memória e narrativa literária na obra de Manoel de Barros. Exploram-se aspectos da trajetória desse sujeito histórico, Manoel de Barros, que se deu ao longo de quase todo o século XX e terminou na segunda década do século XXI, cotejando a memória poética instituída sobre o autor com questões sociais, políticas e históricas que permeiam sua obra, visando a reflexão sobre literatura e sociedade.

ABSTRACT

This article approaches the interface between history, memory and literary narrative in the work of Manoel de Barros. It explores aspects of the trajectory of this historical subject, Manoel de Barros, which occurred throughout the 20th century and ended in the second decade of the 21st century, comparing the poetic memory instituted on the author with social, political and historical issues that permeate his work, aiming at reflection on literature and society.

PALAVRAS-CHAVE:

Manoel de Barros.
Literatura e Sociedade.
História e Literatura.
Literatura e Política.
Partido Comunista.
Biografia e Literatura.

KEYWORDS:

*Manoel de Barros.
Literature and Society.
History and Literature.
Literature and Politics.
Communist Party.
Biography and Literature.*

¹ Este artigo é uma adaptação de parte de minha tese de doutorado, intitulada *As Árvores Me Começam: o mundo por Manoel de Barros ou "estado de poesia" em Manoel de Barros*, realizada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

² Doutor em Ciências Sociais pela UFRN. Bolsista de pós-doutorado PNPd/CAPES no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN.

1 ● Introdução

Ainda muito jovem, aos 12 anos de idade, Manoel de Barros foi estudar no Rio de Janeiro. Entre idas e vindas, viveu ali por mais de três décadas e, embora tenha sido um apaixonado pela vida cultural e artística que a cidade lhe oferecia, experiência que irrigava seu desejo de se tornar poeta, Manoel nunca se engajou em nenhuma espécie de ativismo intelectual. Até onde se sabe, ele não tomava parte em movimentos, eventos, jornais ou qualquer outra coisa que lhe desse voz pública e proporcionasse alguma inserção no campo artístico e literário local ou nacional. Não costumava participar nem mesmo de rodas ou círculos de escritores e/ou intelectuais. O fato, segundo o relato de seu irmão Abílio Leite de Barros, pode ter ocorrido por timidez:

Sempre foi tímido [...]. Ele tinha os amigos certos, e com os amigos ele era uma pessoa normal. Conversava, contava piada. Mas entrava um estranho, acabava. Ele era assim. [...] A partir de 1970, eu diria, ele já era conhecido. Mas intimidade com outros poetas, amizade, ele não teve com ninguém. [...] Da Academia Brasileira de Letras ele chegou a ser consultado se queria, mas ele não quis pela timidez mesmo. Anteriormente eu sei que ele queria, mas ele não tinha convivência “natural” com outros intelectuais³.

Barros teve, é claro, principalmente em idade mais avançada, alguns amigos de renome no meio intelectual e literário brasileiro, embora tenha continuado a não participar de “círculos”, movimentos ou qualquer outro evento que reunisse várias pessoas atuantes no campo literário ou intelectual.

Pedro Spíndola, jornalista que era grande amigo de Manoel de Barros, comentou sobre a maneira como o poeta se portava diante de grupos de pessoas. Em suas palavras (conjugadas no presente, pois, à época de nossa entrevista, o poeta ainda não havia falecido), Manoel é “um sujeito extremamente alegre, brincalhão, conta piada, sacana, um cara muito bacana, só que ele não gosta de multidão, né? E multidão é mais de três [pessoas] pra ele”⁴.

Ambos os relatos, dos senhores Abílio Leite de Barros e Pedro Spíndola, delineiam um perfil (de Manoel de Barros) de tamanha timidez

³ BARROS, Abílio Leite de. Entrevista a Kelson Gérison Oliveira Chaves em abril de 2014.

⁴ SPÍNDOLA, Pedro. Entrevista a Kelson Gérison Oliveira Chaves em abril de 2014.

que teria marcado sua pouca atuação política no campo literário e limitado sua rede de relações e amizades com literatos e intelectuais. Em verdade, é possível perceber que as amizades que ele teve desse tipo deram-se, em sua maioria, depois que sua obra foi reconhecida, e começaram, em geral, porque foi ele procurado. Um caso diferente, porém, onde se sabe que Manoel tomou a iniciativa, foi quando quis conhecer Manuel Bandeira:

Pelo meu temperamento de tímido, que é uma sem-graceira demais, nunca funcionou o diálogo pessoal entre mim e outros poetas. Senão que só o diálogo livresco. Nunca tive nenhum poeta amigo pessoal de grandes convivências. De amizade mesmo. Conheço-os assim meio de longe, de apontar com o dedo na rua: – Olha, aquele ali é o Drummond. Pois fico de mãos frias diante das pessoas que muito admiro. Por isso, certa vez, voltei da porta do poeta Manuel Bandeira. Bati na porta de seu apartamento na Esplanada do Castelo, no Rio – e fiquei esperando trêmulo de emoção. E como o poeta se demorasse a abrir a porta, despenquei correndo pelas escadas, seis ou sete andares, com o pulso a 120, de certo. Tremi quando me levaram a Rosa. E tremo ainda hoje para falar com o Millôr. Em livro sou íntimo deles e os converso e os aprovo ou desaprovo e rio com eles. Essa timidez em mim é intransponível e deve vir de um orgulho incurável e feio⁵.

De tal modo, tanto pessoas que conviveram intimamente com Manoel quanto ele próprio constroem um perfil, uma narrativa, uma memória de um sujeito marcado por uma timidez de quem, a qualquer ruído, recolhia-se em sua concha. Algo emblemático desse temperamento, que até o prejudicava em seu desejo de divulgação de sua obra poética, era o fato de “fugir” para o Pantanal sempre que publicava um novo livro, por medo da opinião da “crítica”, segundo relato de seu irmão Abílio Leite de Barros⁶. Manoel até poetizou isso em seu *Autorretrato Falado*, no *Livro das Ignorâncias*, ao dizer: “Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me/sinto como que desonrado e fujo para o/ Pantanal onde sou abençoado a garças”⁷.

A narrativa sobre sua timidez pode ser encontrada, então, no relato de terceiros, em seu próprio relato (em entrevistas suas), bem como em versos de sua obra poética.

Sendo assim, era inimaginável ver Manoel de Barros se expor de outros modos, atuando com intervenções públicas no meio artístico (tal qual, por exemplo, Oswald de Andrade, poeta que era muito admirado por Barros) ou, menos ainda, travar embates, por meio da imprensa, com outros artistas e intelectuais, como o fez escancaradamente Nelson

⁵ BARROS, Manoel de; MÜLLER, Adalberto (Org.). *Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010. p. 59, grifo meu.

⁶ Nas palavras do senhor Abílio: “Quando publicava, ele [Manoel] vinha embora do Rio de Janeiro. Ele ficava com medo de alguém procurar pra fazer crítica e ia embora, fugia, tinha medo da opinião pública”. BARROS, Abílio Leite de. Entrevista a Kelson Gérison Oliveira Chaves em abril de 2014.

⁷ BARROS, Manoel de. *O Livro das Ignorâncias*. In: BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010, p. 324.

Rodrigues, em sua cruzada contra diversos setores da esquerda⁸. Aparentemente, a timidez de Manoel não era só em relação a exibir sua poesia, era temperamento que se fazia presente em todos os âmbitos de suas relações sociais. Em resumo, estamos falando de um homem que, após se formar em Direito, fez-se presente a um tribunal por motivo de trabalho que acabara de conseguir e, “diante de um juiz togado, quando se preparava para começar uma defesa, vomitou em cima do processo”. Posteriormente, “convidado para ler uns versos de Louis Aragon em um estúdio de rádio, teria desmaiado sobre o microfone”. Como bem o disse José Castello, aquele parecia ser o seu limite⁹.

Não obstante, quando muito jovem, a efervescência, a polarização e o acirramento político-ideológico nas décadas de 1930 e 1940 no Brasil do século XX parecem ter pescado o ímpeto de Manoel, gravando em sua história pessoal um curioso momento de ativismo político, do qual, até o momento, só se tinha conhecimento através de seu próprio relato, no Partido Comunista Brasileiro. Aqui, apresento também o relato de outra pessoa, o senhor Abílio, irmão de Manoel. E procuro elaborar um diálogo entre os relatos de seu irmão sobre o episódio, os relatos de Manoel em suas entrevistas, as alusões ao episódio que surgem em sua obra, buscando, ao final, construir uma compreensão sobre essa experiência do poeta e os significados que podem, ou não, fazerem-se presentes no conjunto de sua obra.

Penso que essa experiência, longe de ser um “tesouro caribenho” dos significados da obra de Manoel de Barros, pode, no entanto, ajudar a compreender como algumas experiências do passado do homem Manoel de Barros, com suas expectativas, seus desejos, seus anseios e suas esperanças, guardam convergências com questões caras à sua poética, estas duas dimensões não estando, portanto, separadas. Nesse bojo, podem entrar, por exemplo, sua empatia para com sujeitos marginalizados, fortes ligações com ideias de mudança e, ainda, certa desilusão com o ativismo político tradicional, o que traz outras consequências para sua produção escrita.

2. Manoel de Barros comunista: entre poesia, história e memória

O que se busca, aqui, é uma explanação indiciária¹⁰, sugestiva, que cata pegadas documentais, rastros, fragmentos deixados pelo caminho, indícios mesmo, para ajudar a pensar sobre a poesia de Manoel de Barros, ajudar a construir uma aproximação compreensiva das ideias, valores e visões de mundo que permeiam a obra desse poeta. E, para essa tarefa,

⁸ FACINA, Adriana. *Santos e Canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

⁹ CASTELLO, José. “Manoel de Barros: retrato perdido no pântano”. In: *Inventário das Sombras*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 122-123.

¹⁰ GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

leva-se em conta o “espaço da experiência” e o “horizonte de expectativa” de Manoel de Barros, sabendo que essas ferramentas conceituais, conforme as articulou Koselleck, são categorias que não permitem que se deduza aquilo de que “realmente” se teve experiência e aquilo que “realmente” se anseia. Em outras palavras, leva-se em conta que elas ajudam a fundamentar e delinear histórias possíveis, não as “histórias mesmas”¹¹.

Manoel de Barros, em sua experiência social, certamente comoveu-se com os mazelados, esquecidos, desterrados e derrotados da história. Comoveu-se, expressando em seus versos, com aqueles personagens protagonistas da “história vista de baixo” da sarjeta, fato que pode ser observado em “toda a trajetória de sua obra, de forma mais explícita ou mais velada, mas sempre acentuando a sua escolha pela escória da sociedade”¹². Inclusive, em seus primeiros livros, quando a temática metalinguística ainda não havia assumido papel de importância maior, é comum encontrarmos alguns poemas mais “realistas”, por assim dizer, como aquele do livro *Poesias*, de 1947, de tom bastante autobiográfico, em que, numa borda de mar de Botafogo, o sujeito do poema exclama: “Que vontade de chorar pelos mendigos!”¹³, ou aquele sobre a figura da prostituta Antoninha-Me-Leva, que era “Eminência nos becos de Corumbá”¹⁴, publicado em seu primeiro livro *Poemas Concebidos Sem Pecado*, em 1937:

Outro caso é o de Antoninha-me-leva:
Mora num rancho no meio do mato e à noite recebe os
vaqueiros tem vez que de três e até quatro comitivas
Ela sozinha!

Um dia a preta Bonifácia quis ajudá-la e morreu.
Foi enterrada no terreiro com o seu casaco de flores.
Nessa noite Antoninha folgou.
Há muitas maneiras de viver mas essa de Antoninha era
de morte!

Não é sectarismo, titio.
Também se é comido pelas traças, como os vestidos.
A fome não é invenção de comunistas, titio.
Experimente receber três e até quatro comitivas de
boiadeiros por dia!¹⁵

11 KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Vilma Patricia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006, p. 306.

12 CAMARGO, Goiandira de Fátima Ortiz de. *A Poética do Fragmentário*: uma leitura da poesia de Manoel de Barros. Tese de Doutorado em Letras (Letras Vernáculas) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996, p. 189.

13 BARROS, Manoel de. *Poesias*. In: BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010, p. 66.

14 BARROS, Manoel de. *Livro Sobre Nada*. In: BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010, p. 352.

15 BARROS, Manoel de. *Poemas Concebidos Sem Pecado*. In: BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010, p. 29.

Saber da passagem de Manoel pelo PCB, e ter essa informação em mente no instante da leitura desse poema, proporciona, sem dúvidas, uma compreensão diferente da que se teria caso não se soubesse do episódio, pois a visualização do poema no contexto histórico de sua produção redimensiona significados. A interpelação e a ironia do poema (“A fome não é invenção de comunistas, titio./ Experimente receber três e até quatro comitivas de/ boiadeiros por dia!”) passam a ser elementos especiais, não estando aí por acaso, principalmente quando se leva em conta a época de sua publicação, 1937, quando Manoel tinha apenas 21 anos, estudava no Rio de Janeiro e seu contato com o PCB era ainda pulsante, num período em que o ideário comunista também o era.

O poema não chega a ser panfletário, de modo algum. Mas nele é possível perceber, além da comoção e empatia com sujeitos em condições sociais degradantes, o embate discursivo da luta política referente à injustiça social, em que o interlocutor-oponente, o “outro interpelado pelo poeta”, aparece, conforme colocou Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo,

como provável emissor de um discurso – ausente no texto, mas que se presentifica na interpelação – que é paráfrase do discurso do poder. O poeta nega este discurso: indiciado em ‘sectarismo’ e fome como invenção de comunistas, busca a diferença porque nela está a verdadeira realidade¹⁶.

A militância de Manoel de Barros no PCB, experiência aparentemente insólita em relação à imagem pública construída sobre o “poeta pantaneiro”¹⁷, o artesão da palavra, reinventor da linguagem, experiência contada por ele, inclusive, sempre com humor e distanciamento, talvez comece a se desenhar, assim, mais relevante do que se suspeitava para compreender concepções e visões de mundo que latejam em sua poesia. Para pensar um pouco mais sobre isso, vamos à leitura de alguns trechos de uma entrevista de Manoel de Barros concedida a José Castello:

16 CAMARGO, Goiandira de Fátima Ortiz de. *A Poética Alquímica de Manoel de Barros*. Dissertação de Mestrado em Letras e Linguística, UFG, 1988, p. 167.

17 Manoel de Barros não gostava do epíteto de “poeta pantaneiro”, porque considerava que este parecia reduzir sua poesia ao regionalismo tacanho, ao descritivismo documental da natureza, relegando o que ele declarava ser o mais importante: seu trabalho com a linguagem. Em suas palavras: “A expressão poeta pantaneiro parece que me quer folclórico. Parece que não contempla meu esforço linguístico. A expressão me deixa circunstanciado. Não tenho em mente trazer contribuição para o acervo folclórico do Pantanal. Meu negócio é com a palavra. Meu negócio é descascar as palavras, se possível, até a mais lírica semente delas”. In: BARROS, Manoel de. In: MÜLLER, Adalberto (Org.). *Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2010, p. 76-77. No entanto, isso não se desprezou de sua imagem pública, e até a ONG WWF-Brasil, quando do falecimento do poeta, publicou uma nota com o título “Manoel de Barros: o poeta pantaneiro”, onde constava: “‘Natureza é uma força que inunda como os desertos’. A frase é do poeta Manoel de Barros que faleceu nesta quinta-feira, aos 97 anos, em Campo Grande. Um dia após celebrar o Dia do Pantanal, o Brasil se despede do poeta que inaugurou um estilo único na poesia: a descrição da natureza com inspiração no Pantanal”. In: *Manoel de Barros: o poeta pantaneiro*. Disponível em: <<http://www.wwf.org.br/?42283>>. Acesso em: 15 nov. 2014, grifo meu.

Castello: É, no mínimo, surpreendente que um escritor tão empenhado no trato da linguagem tenha sido, em determinado momento da vida, um militante comunista. Comunistas preferiam, em geral, os “conteúdos”.

Manoel: Foi o Apolônio de Carvalho quem me enfiou na Juventude Comunista. Eu o conheci quando era estudante e morava no porão de uma pensão do Catete, que pertencia a uma húngara. Éramos quatro rapazes vivendo no porão. Um dia recebemos uma tarefa: devíamos pintar a frase “Viva o comunismo” na estátua de Pedro Álvares Cabral, na Glória. Os outros foram, eu não. Às 4 horas, a polícia bateu na pensão. Meus amigos tinham sido presos e os policiais queriam levar-me.

Castello: Como se defendeu?

Manoel: Fui salvo pela húngara. “Sr. policial, deixe esse menino em paz”, ela disse. “Ele acabou de chegar do colégio de padres, não pode ser comunista.” Eu estava com 18 anos e ainda tinha cara de menino. Mas os policiais não se convenciam. Então, a húngara usou o argumento decisivo: “Ele até escreveu um livro de poesia.” Um policial, sem acreditar, pediu o livro. Eu mostrei, então, o livro que tinha acabado de escrever. Chamava-se *Nossa Senhora de Minha Escuridão*.

Castello: Um título que não combina muito com você.

Manoel: Era um livro de sonetos, feitos ainda no colégio. **Produziu um efeito avassalador**. O policial leu os títulos: Para Nossa Senhora, A Fala de Jesus Cristo, coisas assim. Fechou o livro, botou debaixo do braço e disse: “Você pode ficar.” Fui salvo pelos sonetos.

Castello: Você ainda conserva esses poemas?

Manoel: Infelizmente, não. Não sei por que, o policial levou o livro com ele. Era minha única cópia e eu o perdi para sempre. Hoje, deve estar nos arquivos do Filinto Müller...¹⁸

O que Manoel de Barros fazia, por quanto tempo atuou e de que forma não é possível saber ao certo. Assim como não se sabe se este episódio narrado o tenha feito repensar aquele tipo de ativismo político que o colocou diante do perigo iminente de ir à prisão, perigo este que pode ter sido ainda maior do que aparenta, seguindo as palavras de Abílio Leite de Barros, irmão de Manoel, que ofereceu outra versão do ocorrido:

Quando ele era estudante, tinha uns 20 anos, estava entrando na faculdade. Naquele tempo todo jovem era comunista. Era um troço que chamava a juventude e entrava naquilo de coração aberto, pois via naquilo a salvação da pobreza. Então ele se tornou comunista militante. **E um dia a polícia da ditadura do Getúlio [Vargas] entrou no quarto de pensão dele e descobriu os livros comunistas que ele tinha... livros de Marx, Engels...** E foram procurar a dona da pensão, perguntaram o nome dele etc. Aí a

¹⁸ BARROS, Manoel de. *Entrevista a José Castello*. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/castel11.html>>. Acesso em: 18 out. 2014, grifo meu.

dona da pensão contou pra um amigo dele, e o amigo dele correu atrás dele [Manoel] e disse: arruma a mala, Manoel, e vai embora! E ele veio embora pro pantanal. Quando ele veio pro pantanal foi quando eu o conheci. Eu era menino e não conhecia literatura, não conhecia nada e não sabia nem porque ele estava no pantanal. Ele foi fugindo. Ficou lá um tempo grande e aí eu fiquei impressionado com a habilidade dele com o cavalo e até com o laço. Era vaqueiro. Laçava. Convivi com ele esse tempo e depois algumas férias. Mas convivi mais quando eu fui mudar pro Rio. Então a época do comunismo dele foi basicamente isso. Depois acabou a ditadura Vargas e ele, depois que casou, abandonou o comunismo... comunismo militante ele não tinha mais. **Mas continuou com uma cabeça de esquerda como todos os ex-comunistas**¹⁹.

Provavelmente veio daí a temática da prisão, abordada no poema “Protocolo Vegetal”, do livro *Gramática Expositiva do Chão*. O poema em muito lembra o que Manoel contou na entrevista a José Castello. Trata-se de um poema longo, dividido em cinco partes, que começa anunciando que irá tratar “de episódio que veio a possibilitar a descoberta de um caderno de poemas”. Esse é o verso inicial e a primeira afinidade com o episódio do policial que, ao descobrir o jovem poeta, o teria deixado em paz e levado consigo os sonetos de *Nossa Senhora de Minha Escuridão*.

Logo a seguir, o poema noticia: “Prenderam na rua um homem que entrara na/ prática do limo”. E desanda a descrever uma longa lista de objetos apreendidos onde este homem morava, sendo que todos são objetos sem importância, avulsos, tais como bobinas enferrujadas, um rosto de boneca, entre tantas outras quinquilharias. O principal objeto, porém, para nossos interesses aqui, encontra-se ao final: “a tela”. Ela será descrita por um homem respeitado, chamado primeiramente de “Doutor”, e que é amigo do preso.

Em sua descrição, o tal doutor diz que “o artista recolhe neste quadro seus companheiros pobres do chão”, como “a borra” e também “vestígios de árvores”. Fala ainda que ele realiza uma colagem onde tudo é “muito manchado de pobreza e miséria”.

Mais adiante, na quarta parte, vêm as “Palavras de Lúcio Ayres Fragoso, professor de física em São Paulo, compadre do preso, a título de esclarecimento à Polícia”. Em seu depoimento, ele diz, entre outras palavras, que o preso “era de profissão encantador de palavras”, (...) que ele “via o mundo como a pequena rã vê a manhã de/ dentro de uma pedra”, e que “a esse tempo lê Marx”²⁰.

Para Camargo, embora seja justamente aí, nesse texto e nesse livro, que Manoel começará a pôr o foco mais intensamente na questão metapoética, escrevendo poesia sobre poesia, nele também “se entrevê o comprometimento com o homem e a participação política”, sendo esse livro fundamental na obra de Manoel de Barros por ser como um marco

¹⁹ BARROS, Abílio Leite de. Entrevista a Kelson Gérison Oliveira Chaves em abril de 2014, grifo meu.

²⁰ BARROS, Manoel de. *Gramática Expositiva do Chão*. In: BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010, p. 121-126.

em que, mais definidamente, “se configura o seu tipo de engajamento”²¹. Camargo ressalta também a relação entre o poema “Protocolo Vegetal” e o momento histórico de sua publicação, 1966, no início do regime militar brasileiro:

Quanto à crítica ao momento histórico, podemos vê-la em vários índices fornecidos pelos poemas, a começar pela figura do preso da primeira parte designada “Protocolo vegetal”. O título inicialmente nos remete para a linguagem burocrática dos registros de audiências e dos inquéritos policiais dos aparelhos ideológicos de repressão, muito acionados àquela época. Todo esse contexto de prisão e investigação se apresenta no poema. Há um “preso”; há a busca e apreensão de objetos desse “preso”; há os depoimentos dos amigos. O “preso” é “encantador de palavras”, ou seja, poeta, clara referência à perseguição e prisão dos artistas. Outro índice dos movimentos de esquerda é a alusão a Karl Marx. O poema apresenta elementos familiares à crônica que registrou a história daquele momento crítico vivido pelo país. Não há como lê-lo sem se lembrar da repressão, prisão e tortura de muitos artistas e intelectuais²².

A experiência da possibilidade de ser levado ao aprisionamento, que no poema foi efetivada, volta agora ao centro da cena e ganha importância na história pessoal de Manoel de Barros. Embora seja permitido especular que o episódio narrado pelo poeta possa ter marcado sua ruptura com o “Partidão”, tendo em vista que a história sempre é contada encerrando-se no tema da prisão, é preciso não esquecer também que só tivemos acesso a esses fatos após Manoel ter encontrado alguma “glória” em sua carreira, quando já estava, inclusive, distante dessa experiência há décadas, recolhido à poesia e à sua vida privada, e se dando à liberdade de construir pilhérias acerca da própria experiência, como nesta entrevista concedida à revista Palavra:

Revista Palavra: O seu primeiro livro, *Nossa Senhora da Escuridão* [sic], foi confiscado por um policial ao tentar prendê-lo por comunismo... O senhor se lembra desses poemas? Tem algum manuscrito?

Manoel: Eu só me lembro que o policial que levou o livro fez uma boa ação²³.

É uma pena que não se dispunha de nenhuma entrevista de quando Manoel era jovem. O reconhecimento de sua obra só começou a lhe bater à porta, e levemente, quando passava pela casa dos 60 anos. A partir daí, procurado deveras para entrevistas, mas recatado, sem gostar muito de falar de sua vida, Manoel muitas vezes romantizava, romanceava,

21 CAMARGO, Goiandira de Fátima Ortiz de. *A Poética do Fragmentário: uma leitura da poesia de Manoel de Barros*. Tese de Doutorado em Letras (Letras Vernáculas) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996, p. 192-193, grifo meu.

22 *Ibidem*, p. 190-191.

23 BARROS, Manoel de. Entrevista concedida à Revista Palavra. In: Dossiê Manoel de Barros. *Revista Palavra*, ano 3, nº 2, 2011, p. 45.

reinventava sua história, incluindo sua passagem pelo PCB, construindo pilhéria na qual não dá para medir o limite entre a experiência e o humor, história e memória. Manoel foi, aos poucos, costurando sua história biográfica à sua poesia.

Provavelmente, pensando a partir do conjunto de indícios e depoimentos, várias situações podem ter levado ao afastamento de Manoel do PCB e da militância política. Entre elas, a timidez de seu próprio temperamento, os perigos de aprisionamento, circunstâncias pessoais (tais como ter se casado, tido filhos e, também, ido para o Pantanal cuidar de uma fazenda que herdou do pai), e, ainda, uma desilusão política, sugerida em mais uma versão dessa história. Segundo conta, quando Luiz Carlos Prestes, então líder do PCB, foi solto após dez anos de prisão, Manoel esperava uma tomada de posição de Prestes contra o governo autoritário de Vargas. Nosso jovem poeta teria ido, ansioso, ao Largo do Machado, no Rio de Janeiro, para ouvir o líder, e sentenciou:

Quando escutei o discurso apoiando Getúlio — o mesmo Getúlio que havia entregue sua mulher, Olga Benário, aos nazistas — não aguentei. Sentei na calçada e chorei. Saí andando sem rumo, desconsolado. Rompi definitivamente com o Partido e fui para o Pantanal²⁴.

Se o evento acima aconteceu conforme contado ou se também foi poetizado e costurado como num drama cinematográfico (“Sentei na calçada e chorei. Saí andando sem rumo, desconsolado. Rompi definitivamente com o Partido e fui para o Pantanal”), não interessa tanto. O objetivo dessa narração não é encontrar o(s) motivo(s) “verdadeiro(s)” da saída de Manoel da militância de esquerda, e sim compreender que essa experiência toda deixou marcas em sua vida e também em sua obra, pois ela, de algum modo, terminou numa atitude de desilusão com o ativismo político.

Ainda assim, nesse jogo narrativo que fazia com sua história pessoal, sempre reinventada pelo poeta, Manoel sugere um outro (e talvez seja melhor falar, por adição, em mais um) motivo que o teria afastado do PCB, que poderia ser definido como uma certa inadequação a algumas práticas e hierarquias do partido:

Nos fins dos anos 1940, no Rio, pensei de salvar o mundo da miséria e da opressão. Todos os rapazes da minha faculdade estavam dispostos a dar a vida para salvar o mundo. Eu tinha lido em Fernando Pessoa: “Amanhã é dos loucos de hoje.” Era preciso ser louco. Era preciso ser amanhã. Entrei pra Juventude Comunista. Comecei a ter chefes e chefetes. Recebia ordens que ninguém sabia de onde vinham. Ordens de pichar estátuas, de soltar panfletos. Tarefas. Tarefas. Me mandaram ler Marx, Engels, Lenine. Não

²⁴BARROS, Manoel de. Entrevista concedida à Lúcia Castello Branco e Luís Henrique Barbosa. In: CASTELLO BRANCO, Lúcia (org.). *Coisa de Louco*. Belo Horizonte: Casa Freud, SCE, PBH, 1998. Apud: CONCEIÇÃO, Mara. *Manoel de Barros, Murilo Mendes e Francis Ponge: nomeação e pensatividade poética*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011, p. 90-91.

passava das 10 primeiras páginas. Descobri que meu forte era a palavra. Me ajeitei com Maiacóvski. Meu gosto era mais literário que revolucionário. Acho que iria fugir se me mandassem brigar. Eu seria se tanto uma barata: se me pisassem a carcaça eu sairia pelos cantos arrastando substâncias...²⁵

No escrito acima, Manoel delineia com humor uma predisposição/propensão para a revolução por meio da literatura, em vez das armas. Mas a poetização, a idealização e o humor acerca de sua vivência como militante comunista não mudam o fato de que ela tenha sido significativa em sua vida, marcando tanto seu “espaço de experiência” quanto ajudando a influenciar (ou, seguindo Mário Quintana, confluenciar com) seus “horizontes de expectativa”. E quando se fala de “experiência” e “expectativa”, em termos conceituais, é preciso ter sempre em mente que se trata de um par, de forma que “não se pode ter um sem o outro: não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa”²⁶, o que é dizer: não se fala de uma experiência do passado sem que se tenha, por consequência, juntamente alguma expectativa determinada de futuro. Desse modo, olhando para o todo de sua obra, incluindo aí os livros feitos em sua velhice, que são a maioria, talvez seja plausível supor que o jovem Manoel, de algum modo, ainda estava ali em sua poesia; que talvez sempre esteve; e que, de algum modo, seus horizontes de expectativa, em sua velhice, tinham alguns aspectos trazidos desde seu mais distante passado.

É plausível supor que a desilusão de Manoel não tenha eliminado nele todas as suas convicções. E que alguns componentes que integram as visões de mundo de esquerda tenham continuado integrando sua mundividência, isto é, que ele tenha continuado com “uma cabeça de esquerda como todos os ex-comunistas”, como disse seu irmão Abílio Leite de Barros, o mesmo Abílio que me relatou um episódio, ainda desconhecido da história de Manoel, que se faz significativo para essa discussão:

Ele mudou muito depois que casou [...]. Aí ele abandonou [o comunismo]. Mas ainda no golpe militar de 64, nós já morávamos aqui [em Campo Grande], nós viemos do Rio pra cá em 1960, e aqui ele começou a escrever pra um jornalzinho da cidade que hoje eu não sei nem o nome. Um cara ficou amigo dele porque era também da esquerda, e ele começou a escrever os artigos. Isso aí ninguém sabe, se você quiser escrever... E veio um amigo meu que conhecia o Manoel, era amigo dele também, falar pra mim: Abílio, manda o Manoel embora pro pantanal, que vão levar ele pra cadeia, ele vai ser preso.

Pergunta: Eram artigos criticando o regime?

²⁵ BARROS, Manoel de; MÜLLER, Adalberto (org.). *Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010, p.101.

²⁶ KOSELLECK, Reinhart *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Vilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006, p. 307.

Era criticando o regime. Aí eu arrumei a viagem dele e mandei ele embora e fiquei aqui na cidade. Fiquei sondando. E realmente descobri que o nome dele estava numa lista, porque ele, no meio da “revolução”, escreveu artigos nos jornais metendo o pau nos militares. Aí ele foi pro pantanal e ficou lá.

Pergunta: E nos últimos anos, ele não participava mais de nada em política?

Não participava, não. Ele deixou. Agora, quem foi comunista, marxista, deixa de ser, mas não perde os cacoetes. É assim. Todos são assim. Eu vejo ex-comunistas e, de repente, ele dá um escorregão.

Pergunta: Em Manoel isso aparecia como?

Ele não se envolvia em nada mais. Mas, às vezes, numa interpretação das coisas... Mais falando...²⁷

Junte esse depoimento do senhor Abílio ao fato de trinta e cinco anos após esse episódio (esse novo breve engajamento atuante em 1964, que motivou outra fuga para o Pantanal), e mais de cinquenta anos após sua passagem pelo PCB, Manoel declarar a José Castello:

Castello: Como você vê o comunismo hoje?

Manoel: Apesar de tudo, ainda me considero um socialista. O que sobrou do comunismo é muito importante para o mundo. Considero, além disso, que o socialismo é inevitável. Mais cedo ou mais tarde, o socialismo virá²⁸.

E ainda, numa entrevista a João Domingos, uma das raras entrevistas faladas que aceitou conceder, colocou: “Domingos: Politicamente, como o senhor se posiciona? Manoel: Sou um homem de esquerda. Acho que a política pode fazer com que as pessoas melhorem de vida”²⁹.

Diante da obra, das pistas e da contação sempre elíptica e poetizada de sua vida, considero que a passagem de Manoel de Barros pelo PCB, sua dificuldade de se adequar aos moldes do partido e sua desilusão com Prestes podem revelar um desejo por transformação, por justiça social, mas que não encontrou nos meios experimentados e/ou disponíveis sua satisfação, tornando-o, nesse ponto, um “desanimista”, expressão que traduz, seguindo o uso que lhe deu Dércio Braúna, uma desilusão crítica nascida da “experiência da vivência da temporalidade”, bem como da relação do cidadão e do literato com o tempo³⁰. Desanimismo este que, na

²⁷ BARROS, Abílio Leite de. Entrevista a Kelson Gérison Oliveira Chaves em abril de 2014, grifo meu.

²⁸ BARROS, Manoel de. *Entrevista a José Castello*. Disponível em:

<<http://www.jornaldepoesia.jor.br/castel11.html>>. Acesso em: 18 out. 2014.

²⁹ BARROS, Manoel de. Cautela e Poesia em Entrevista Inédita de Manoel de Barros. *Estadão*, 13 nov. 2014. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura/cautela-e-poesia-em-entrevista-inedita-de-manoel-de-barros.1592199>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

³⁰ BRAÚNA, José Dércio. *Nyumba-Kaya: Mia Couto e a delicada escrivência da nação moçambicana*. São Paulo: Alameda, 2014, p. 38.

entrevista a Castello, revela-se na expressão inicial “Apesar de tudo”. É muito forte a sensação de que, para Manoel, no passado o futuro parecia melhor³¹.

A experiência de Manoel de Barros o fez ressaltar sua fala sobre o socialismo e o comunismo com um “apesar de tudo”, expressão que guarda uma crítica implícita a alguns descaminhos pelos quais esses movimentos trilharam. A ressalva não o impediu, no entanto, de se autodeclarar como sendo “ainda” um socialista, nem de apontar a importância desse ideário para o mundo e revelar o anseio de que o socialismo se avizinha no horizonte. E se a experiência concreta não realizou as constelações de sonhos que se moviam dentro do poeta, este, por seu lado, continuou a buscar realizá-las, agora, na literatura, porque, “apesar de tudo”, o “que sobrou do comunismo é muito importante para o mundo”.

E o que foi que sobrou? Ora, talvez a ideia de uma alternativa à sociedade de mercado, e, principalmente, o sonho de um mundo melhor construído pela alternativa revolucionária que arrebatava corações inquietos. Esse anseio por transformação, o sonho de um mundo melhor, continuou sempre em Manoel, que buscou realizá-lo pela palavra. Foi pelo uso da palavra, pois, que o poeta pôde fazer nascimentos, pôde germinar novas vidas, novos amanheceres.

3. Conclusão

Talvez o desejo de agir, de mudar o mundo, que se encontrou ou despertou pela via da alternativa revolucionária, e com apreço especial pelos mazeados sociais, seja um dos “cacoetes” (para usar as palavras do senhor Abílio) que ficaram guardados em Manoel, fazendo-se parte constitutiva de sua poesia. Manoel desistiu daquele caminho, é sabido. Mas é nítido, também, que ele continuou com sede de transformação. O desejo de mudar o mundo parece permanecer e se fazer presente em sua obra, o ativismo político dando lugar a um ativismo poético, à busca da transformação do mundo pela palavra (que, nunca esqueçamos, é também um ato político):

Não sou alheio a nada. Não é preciso falar de amor para se transmitir amor. Nem é preciso falar de dor para transmitir o seu grito. O que escrevo resulta de meus armazenamentos ancestrais e de meus envolvimento com a vida. Sou filho e neto de bugres andarejos e portugueses melancólicos. Minha infância levei com árvores e bichos de chão. Essa mistura jogada depois na grande cidade deu borá: um mel sujo e amargo. Se alguma palavra minha não brotar desse substrato, morrerá seca. “As correntes subterrâneas que atravessam o poeta transparecem no seu lirismo” – disse Theodoro Adorno.

³¹ Referência à pergunta elaborada por Mia Couto (“No passado, o futuro era melhor?”) em conferência proferida por ele sobre os projetos, os sonhos e as expectativas desfeitas ao longo dos trinta anos de independência de Moçambique. In: COUTO, Mia. Moçambique: 30 anos de independência. *Apud*: BRAÚNA, José Dêrcio. *Nyumba-Kaya*: Mia Couto e a delicada escrivência da nação moçambicana. São Paulo: Alameda, 2014, p. 65.

E disse mais: “Baudelaire foi mais fiel ao apelo das massas do que toda a poesia gente-pobre de nossos tempos”. Falo descomparando³².

Certo é que, a alguma altura, talvez pela família, pelas inadequações, pelas desilusões, ou por tudo isso junto, e por nunca ter sido mesmo participativo em rodas de intelectuais, como foi aqui conjecturado, Manoel de Barros recolheu-se em sua concha e sua única voz pública ativa passou, desde então, a ser a sua poesia: “Não falo em público porque gosto de ser recolhido pelas palavras. E a palavra falada não me recolhe. Antes até me deixa ao relento. O jeito que eu tenho de me ser não é falando; mas escrevendo”³³.

E nesse ser-se, aparentemente desprezioso, Manoel vai revelando a dor dos “pedaços que não voltam”, e as faces das “muitas pessoas destroçadas”³⁴ que existem dentro dele:

Sofro com as desigualdades do homem. Até já fui militante de um partido para ajudar a combater essas desigualdades. Mas a minha poesia não entra nesse terreno de ideias. Eu sou apenas jogo de palavras. Só queria inventar alguma beleza. A gente quer tirar matizes novos das palavras. Pregadores podem ajudar o mundo a ser mais justo. Poetas não têm esse privilégio. A gente mexe com gratuidades³⁵.

O comprometimento com a realidade social, no desenvolvimento da obra de Manoel de Barros, “caminha de uma relação mimética para uma relação muito mais estética com o real, condicionada pela linguagem”³⁶, pela reflexão metapoética, pela poesia sobre poesia, que se faz, também, reflexão crítica sobre a vida e o mundo.

Em resumo, da desilusão ou inadequação de Manoel de Barros com o ativismo político não nasceu o conformismo, e sim uma espécie de ativismo poético, onde Manoel reflete sobre a essência da poesia numa metalinguística que “não encarna um fechamento de sua poesia apenas ao espaço poético”. Seu exercício metalinguístico, ao contrário, inclui uma “consciência crítica do real”³⁷ e “o testemunho da condição socioexistencial do homem”³⁸.

Desiludido e inadequado ao ativismo intelectual e político, nosso poeta vai buscar a transformação do mundo pela palavra, pela construção de imagens, chegando a declarar: “Poeta não precisa de informar sobre o mundo. Poeta precisa de inventar outro mundo. E o instrumento para

³² BARROS, Manoel de; MÜLLER, Adalberto (Org.). *Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010, p. 48-50.

³³ *Ibidem*, p. 50-51.

³⁴ BARROS, Manoel de. *O Livro das Ignorâncias*. In: BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010, p. 313.

³⁵ BARROS, Manoel de; MÜLLER, Adalberto (Org.). *Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010, p. 162, grifo meu.

³⁶ CAMARGO, Goiandira de Fátima Ortiz de. *A Poética do Fragmentário: uma leitura da poesia de Manoel de Barros*. Tese de Doutorado em Letras (Letras Vernáculas) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996, p. 196.

³⁷ CAMARGO, Goiandira de Fátima Ortiz de. *A Poética Alquímica de Manoel de Barros*. Dissertação de Mestrado em Letras e Linguística, UFG, 1988, p. 170.

³⁸ *Ibidem*, p. 97.

inventar outro mundo é a imagem, a metáfora e outros descomportamentos linguísticos”³⁹.

Talvez, embora aparentemente menos eficaz, esta forma de ativismo pela palavra (palavra poética capaz de inventar outros mundos) lhe parecesse mais completa, mais verdadeira. Ou talvez sentisse intimamente, tal qual Euclides da Cunha, o poder dessa gratuidade, forte como uma alavanca, que poderia levantar “sociedades inteiras” e derrubar “tirantias seculares”⁴⁰.

Recebido em 15/12/2017
Aprovado em 20/01/2018

³⁹ BARROS, Manoel de; MÜLLER, Adalberto (Org.). *Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010, p. 149.

⁴⁰ As palavras de Euclides da Cunha, literalmente, foram: “Vemos quanto é forte esta alavanca – a palavra – que alevanta sociedades inteiras, derriba tirantias seculares...”. In: CUNHA, Euclides da. Notas de leitura sobre eloquence et improvisation, de E. Paignon. *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*, n. 26, Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1888. Disponível em: <<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=62111>>. Acesso em: 30 out. 2014.